

A investigação força-nos muitas vezes à descoberta de e ao contacto com realidades que até determinado momento nos podem ter passado despercebidas. E isso aplica-se muito mais ao investigador principiante, nomeadamente àquele que trabalha nas áreas das ciências humanas.

A ideia mais comum entre os estudantes e os referidos investigadores principiantes é a de que, quando pretendem estudar um assunto a fundo, o devem fazer nos livros volumosos dos autores consagrados. É óbvio que tal se pode aplicar a muitos casos, mas a realidade média está longe, muito longe disso. Os tais livros volumosos são, normalmente, o repositório de longos períodos, quando não de vidas inteiras, dedicados ao estudo de determinados assuntos. Mas muitas vezes, quando são publicados, já o conteúdo desses livros deixou de ser doutrina de ponta.

À luz destas considerações introdutórias ganha importância a **biblioteca** que, bem recheada desses repositórios de saber - e a investigação nas Humanidades tem sempre de ir à procura das raízes finadas das coisas -, se apresenta também bem equipada com revistas especializadas. É nestas que, em artigos muitas vezes de pequena extensão, se encontram os resultados da mais recente investigação ou expostas as mais recentes descobertas. Se se ficar pelos livros, o investigador poderá falhar na sua **bibliografia** referências que, em determinado momento, se revelam fundamentais.

As bibliotecas universitárias britânicas - e não só as universitárias possuem, por norma, riquíssimas secções de revistas onde é um prazer investigar. A riqueza das colecções combinada com o livre acesso facilita imenso o contacto com as novidades, aquilo, afinal, que muitos de nós procuramos.

Durante anos, a Biblioteca da FLUP, por razões que nos iam sendo apresentadas como justificação, nomeadamente a de não ser possível assumirem-se compromissos permanentes como os da assinatura de revistas, não pôde facultar aos seus docentes e estudantes os benefícios do acesso a um número razoável de publicações periódicas. Por isso, muitos de nós tinham de sair do país em busca de bibliotecas mais ricas e actualizadas.

A política mais recentemente adoptada pelos responsáveis da nossa Biblioteca representa uma sensível alteração, e nos escaparates das novas aquisições vão-se vendo cada vez mais revistas e as prateleiras a elas destinadas vão-se gradualmente enchendo com aquilo por que há muito esperávamos. Uma alteração, ao fim e ao cabo, que se coaduna perfeitamente com as condições excelentes e a dignidade do novo espaço de que beneficiamos desde o início do presente ano lectivo.

Façamos votos para que a crónica pobreza ornamental de que a FLUP tem sofrido não obrigue os responsáveis a dar um passo atrás.

Manuel Gomes da Torre